



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

No balanço das crianças: o cortejo metodológico guiado e aprendido com as crianças

Autoria: Karla Jeniffer Rodrigues de Mendonça (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOAO PESSOA)

Esta comunicação reflete o caminho metodológico guiado e (des) construído com/pelas crianças no processo de pesquisa engajado na Escola Viva Olho do Tempo, espaço institucional não-formal, na área rural da cidade de João Pessoa-PB. A pesquisa realizada no mestrado em sociologia (2018), teve como objetivo refletir os processos de aprendizagem das crianças na prática com o batuque (percussão) do grupo Tambores do Tempo, regido por um educador. Desse modo, essa exposição discute o encontro metodológico da observação participante com as crianças enquanto educativa, sensitiva, imaginativa e que se aprende na prática. O cortejo nascido dos movimentos performáticos do batuque que as crianças produziam com seus instrumentos, se tornou o balanço que guiou a metodologia dessa pesquisa ao envolver a pesquisadora na prática dos seus tempos, ritmos e criações. Entrar na dança, aprender as músicas cantadas, procurar entender como se toca os instrumentos e entre outras experiências cotidianas de interesse das crianças, foram experiências que agitaram e ritmaram os dados, (re) orientando a minha posição enquanto pesquisadora, desde a tímida imersão no campo, até o reencontro para o retorno sobre o work finalizado para elas e para os educadores na instituição. Assim, na percepção dos seus modos de participação e na vulnerabilidade aos seus convites, foi possível emergir as atenções aos modos de como aprendiam a bater e como floresciam as relações enredadas nesse processo. Por fim, essa apresentação destaca como em seus fazeres, ao considerar um contexto criativo, as crianças podem entoar as relações com a pesquisadora de modo transformador, principalmente na inversão do poder de como se planeja e se encaminha a investigação. Pretende-se com essa exposição contribuir com a compreensão das crianças como



observadoras perspicazes e colaboradoras no processo metodológico da observação participante durante a pesquisa, em seus saberes, tempos, improvisos e desejos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: